

SAUSSURE E BENVENISTE: ULTRAPASSAGEM OU ROMPIMENTO?¹

Elisa Marchioro Stumpf²

elisa.stumpf@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos fazer uma reflexão epistemológica sobre a relação entre dois dos maiores expoentes da linguística moderna, a saber, Ferdinand de Saussure, considerado seu criador, e Émile Benveniste, um dos seus discípulos. Essa reflexão servirá de base para tentarmos responder à seguinte pergunta: Benveniste rompe com o paradigma iniciado por Saussure ou apenas ultrapassa-o em alguns pontos da teoria, conservando-o em outros? Partimos da idéia que Benveniste retorna a Saussure em uma tentativa de elaborar questões surgidas a partir de sua leitura da obra de Saussure (referimo-nos aqui ao Curso de Linguística Geral). Para tanto, iniciaremos por uma reflexão sobre a constituição da linguística como ciência. Como afirma Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a linguística se nomeia como Um”. Em um segundo momento, faremos uma exposição de alguns aspectos da obra de Benveniste que julgamos pertinentes para a reflexão, em especial a questão da significação, pois é na oposição semiótico/semântico que podemos encontrar um momento de ultrapassagem do pensamento de Benveniste em relação a Saussure. Nas palavras de Benveniste (2006, p. 67), “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único”. Como síntese, discutiremos possíveis interpretações da relação entre os autores em questão, com base em Normand (2009, 1996) e, por fim, mostraremos quais são as possibilidades de retorno à obra de Benveniste sobre as quais se detém as pesquisas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Benveniste; epistemologia da linguística.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos fazer uma reflexão de ordem epistemológica sobre a relação entre dois dos maiores expoentes da linguística moderna: Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. O objetivo dessa reflexão é o de responder à pergunta: Benveniste rompe com o paradigma iniciado por Saussure ou apenas ultrapassa-o em alguns pontos da teoria, conservando-o em outros? Partimos da ideia que Benveniste retorna a Saussure em uma tentativa de elaborar questões surgidas a partir de sua leitura da obra de Saussure (referimo-

¹ Uma versão alterada desse artigo foi publicada nos Anais do VIII Encontro do CELSUL. Como não foi solicitada a cessão dos direitos autorais, este artigo é de propriedade da autora.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; bolsista CAPES.

nos aqui ao Curso de Linguística Geral). Para organizar esse trabalho, partimos de uma reflexão sobre a constituição da linguística como ciência. Em um segundo momento, faremos uma exposição de alguns aspectos da obra de Benveniste que julgamos pertinentes para nossa reflexão, em especial a questão da significação. Como síntese, discutiremos possíveis interpretações da relação entre os autores em questão, com base em Normand (2009, 1996). Por fim, mostraremos quais são as possibilidades de retorno à obra de Benveniste sobre as quais se detém as pesquisas atuais.

1. SAUSSURE: A LINGÜÍSTICA COMO CIÊNCIA

Dar início a essa reflexão exige que voltemos ao início do século XX, quando podemos encontrar as formulações de Ferdinand de Saussure, lingüista suíço cujas reflexões serviram de base para a constituição da linguística como a conhecemos hoje, ou seja, como uma ciência.

Flores (1999), ao refletir sobre os pressupostos que constituíram a linguística, mostra a importância da circunscrição do objeto e do método para que a linguística pudesse se estabelecer. A dificuldade em determinar o objeto explica-se pelo fato de que a linguística mantém uma relação muito próxima com outras ciências. A consequência disso é que o objeto não preexiste ao ponto de vista teórico, mas sim é criado por ele, daí a famosa asserção de Saussure de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (1975: 15), ponto de vista que é naturalmente excludente. Ao conceituar a linguagem, Saussure mostra que não há como a linguística abordar de forma integral esse objeto multiforme e heteróclito (para usar uma caracterização famosa atribuída por Saussure), dada sua complexidade e sua relação com outras áreas do conhecimento.

Saussure toma como norma de todas as manifestações da linguagem a língua, excluindo a fala e, com ela, uma série de questões. Ao separar língua da fala, separa-se, de acordo com Gadet (1987: 77), o que é social do que é individual; essencial de acessório e mais ou menos acidental; um registro passivo de um ato de vontade e inteligência; um modelo coletivo de um modelo não coletivo. Para Flores (1999: 26) “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a linguística se nomeia como Um”. Definido o objeto, o método consistirá em descrever esse sistema de signos nas suas relações internas. Assim, nas palavras de Flores (1999: 28) “a linguística reclama o estatuto de ciência justamente porque, dados método e objeto, todas as operações científicas derivam do princípio da língua como sistema de signo”.

A leitura que se faz do Curso de Lingüística Geral, obra póstuma escrita a partir dos cadernos de alunos de Saussure, principalmente uma leitura estruturalista, é feita de maneira homogeneizante, concentrando-se nas dualidades opositivas (língua/fala, paradigma/sintagma, diacronia/sincronia) e deixando de lado o que mais tarde, com o aparecimento dos manuscritos de Saussure e da publicação dos próprios cadernos dos alunos, reconhece-se como um esboço de um sistema de pensamento não acabado.

De acordo com Bouquet (2004: 14), pode-se encontrar, nas reflexões de Saussure, três configurações distintas de pensamento: a) uma epistemologia da gramática comparada; b) uma reflexão filosófica sobre a linguagem (filosófica entendida aqui como metafísica) e c) uma epistemologia programática da lingüística, ou seja, “uma projeção sustentada [...] quanto à cientificidade de uma disciplina futura”. E no cerne dessa epistemologia programática encontra-se esboçada uma semântica sincrônica, nos termos de uma gramática geral do sentido, sustentada pelos conceitos da arbitrariedade do signo e de valor. Bouquet (2004: 226) ressalta que:

a posteriori, a projeção epistemológica de Saussure pode, sem dúvidas, ser considerada como realizada: o simples fato do programa formulado ter prefigurado vários desenvolvimentos da lingüística sugere que as teses epistemológicas e metafísicas que fundamentam esse programa podem ser consideradas verdadeiras em relação a esses desenvolvimentos ulteriores.

Podemos pensar que Benveniste, mesmo tendo acesso apenas ao Curso de Lingüística Geral, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano. Essa leitura, de acordo com Normand (2007: 14) “permite resgatar a partir de Saussure uma lingüística da significação”, visão deixada de lado por uma leitura estruturalista do CLG. Tentaremos, abaixo, mostrar como ele resgata essa lingüística e a desenvolve na sua originalidade.

2. BENVENISTE

quando Saussure introduziu a idéia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. (BENVENISTE, 2006: 224)

é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua (BENVENISTE, 2006: 67)

As duas citações acima, tiradas respectivamente dos textos *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *Semiologia da língua* (1969) atestam a maneira como Benveniste relacionava-se com a tradição de ensinamentos de Ferdinand de Saussure. Esses trechos têm a mesma preocupação com o signo linguístico, mas estão inseridos em artigos que tratam da problemática mais ampla da significação³. Normand (1996: 137) indica que é “pelo desenvolvimento do que no *Curso* é um elemento central mas insuficientemente elaborado, a questão da significação, abordada principalmente de forma negativa pela exclusão do referente” que Saussure deve ser ultrapassado.

Para Normand (2009), a significação, uma questão cara para Benveniste, será tratada como um problema linguístico que exige novos conceitos e que modifica o método de descrição a partir de 1964 (no texto *Os níveis da análise linguística*) com a consideração da especificidade da frase, o que o leva também a trazer a referência. A noção de referência, por sua vez, é reformulada ao longo de sua obra de maneira a abarcar toda a situação de comunicação, ou seja, a própria enunciação. Essas operações culminam no tratamento da significação a partir do desdobramento das dimensões semiótica e semântica.

2.1 REFERÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO

A abordagem da significação, desdobrada em dois domínios de estudo da língua (o semiótico e o semântico) começa a ser formulada em *Os níveis da análise linguística* (1964) e está relacionada, de acordo com Normand (2009), com a consideração da frase e da referência. Nesse texto, Benveniste propõe o sentido como critério para a segmentação das unidades em níveis: “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status linguístico” (2006: 130). Na análise dos signos, que coincidem nesse caso com as palavras, a operação não é problemática: “a palavra [...] decompõe-se em unidades fonemáticas que são de nível inferior; por outro entra, a título de unidade significante e com outras unidades significantes, uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2006: 131). Essa relação entre os níveis permite dar conta da relação forma: sentido, que devem definir-se um pelo outro e articular-se juntos. Benveniste (2006: 135-136) então propõe definir a forma de uma unidade linguística como “sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (constituente) e sentido de uma unidade linguística como a “capacidade de integrar uma unidade de nível superior”.

³ Benveniste dedica um artigo, intitulado *Natureza do signo linguístico* (1939) para oferecer uma nova leitura do caráter arbitrário do signo.

Ainda sobre a relação entre os níveis, o autor chama a atenção para a passagem das palavras para a sua unidade de nível superior, as frases, pois se as frases realizam-se em palavras, as palavras não são seus segmentos. A frase comporta constituintes e podemos segmentá-la, mas não se pode integrá-la em nenhuma unidade mais alta. Benveniste indica que com a frase, entra-se em um novo domínio. O autor (2006: 39) então formula:

a frase [...] é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.

A particularidade da frase consiste no fato de ela trazer sentido e referência, distinção que Benveniste faz ao tratar da questão do sentido quando ainda da discussão forma: sentido. Ao tratar do sentido, Benveniste distingue dois aspectos. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que o sentido de uma unidade é o próprio fato de que ela tem um sentido. Nas palavras de Benveniste (2006, p. 137):

quando se diz que determinado elemento da língua [...] tem um sentido, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos. Esse “sentido” é implícito, inerente ao sistema linguístico e às suas partes.

Uma segunda questão poderia ser colocada: qual é o seu sentido? Aí, para o autor (2006: 37), deve-se também considerar que:

a linguagem refere-se ao mundo dos objetos [...] sob a forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob a forma de unidades inferiores que se relacionam com “objetos” gerais ou particulares [...]. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um referendium”.

Assim, através dessa distinção, o autor diferencia sentido de designação. Para Benveniste (2006: 140), é na frase onde encontramos sentido e referência: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação [...], sem a qual a comunicação como tal não se opera”.

Como Benveniste trata da questão da referência? Embora ele não formule essa pergunta, Normand (2009: 161) indica que ele a respondeu em suas análises, levando em conta as marcas particulares de enunciação de um sujeito na língua. Sua reflexão e análise inicia em 1956 com o texto *A natureza dos pronomes*, no qual Benveniste (2006: 280) distingue os “signos vazios, não referenciais com relação à ‘realidade’, sempre disponíveis, e

que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso”, como os pronomes pessoais *eu, tu*, os advérbios *aqui e agora*; de signos que se referem à realidade e a posições objetivas. Nos indicadores de pessoa, sentido e referência não são distintos. Assim, de acordo com Normand (2009: 231), “a particularidade referencial dos indicadores da pessoa assim colocada em evidência consiste em que sentido e referência não são distinguidos”. Inicialmente, o fenômeno da referência é tratado apenas no que diz respeito aos casos acima, denominados de sui-referência e diferenciados do repertório de signos cujo estatuto é permanente. Tais elementos poderiam ser abordados através da divisão semiótico/semântico, sistematizada em 1969 no texto *A semiologia da língua*.

Em *A semiologia da língua* (1969), Benveniste sintetiza as posições de Peirce e Saussure a respeito dos signos, de seus sistemas e do estatuto de uma futura ciência que se ocuparia deles. Se Peirce não formula nada de específico em relação à língua, o pensamento de Saussure, de acordo com Benveniste (2006: 45), procede da língua e a toma como objeto exclusivo, sendo o signo uma noção linguística. Benveniste chama atenção para o fato de que, de todos os sistemas semióticos, a língua é o único capaz de interpretar os outros e também a própria sociedade⁴. Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema. Benveniste (2006: 64, 65) formula essa peculiaridade como uma dupla significância, ou seja, dois modos distintos de significação: o semiótico e o semântico.

O semiótico diz respeito ao modo de significação do signo linguístico e que o constitui como unidade, considerado em relação aos demais signos. O estudo semiótico deve identificar as unidades, descrever suas marcas distintivas, descobrindo os critérios sutis da distintividade. O que garante existência de um signo é seu reconhecimento como significante por uma comunidade linguística.

Já o modo semântico diz respeito ao modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens. Para Benveniste (2006: 65), o sentido é concebido globalmente e se divide em signos particulares. O modo semântico traz o conjunto dos referentes e se relaciona com o universo do discurso.

Para Normand, a análise dos termos considerados “objetivos” dependeria de ambos os modos de significação. A referência é tratada através do modo semântico. Entretanto, Normand (2009: 166) ressalta que:

na medida em que a enunciação, isto é 'o ato mesmo de produzir um enunciado' é o

⁴ Tema do artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968).

'fato do locutor que mobiliza a língua a seu modo', a distinção entre a sui-referência única e evanescente em cada ato de enunciação, e a referência aos termos 'que tem seu estatuto pleno e permanente', não pode mais se sustentar; toda a relação à referência, na língua colocada em uso, depende da sui-referência; a referência só concerne à situação cada vez única do locutor

É assim que, ao definir enunciação, a distinção entre referência e sui-referência cai, pois toda relação à referência depende da sui-referência; a referência diz respeito, então, à situação cada vez única do locutor.

Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem* (1966), trata do problema da significação afirmando que é uma propriedade natural da linguagem e define os dois modos de significância da língua já vistos anteriormente, o semiótico e o semântico. Após discutir a noção de signo para Saussure, Benveniste coloca o estudo dos signos no plano semiótico e novamente afirma que a frase é um mundo distinto, que exige outro modo de descrição. Como afirmaria em 1969, Saussure ignorou que “o signo corresponde às unidades significantes da língua e não se pode erigi-lo em princípio único da língua” (BENVENISTE, 2006: 66) e que do signo à frase não há transição.

De acordo com o raciocínio de Benveniste (2006: 229), se “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma”, o signo e a frase, propõe-se então esse novo modo, o semântico, para dar conta da língua em ação, “a língua na sua função mediadora entre o homem e o homem, o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas” (ibid.). Esse modo semiótico resulta de uma atividade do locutor de se apropriar da língua, ou seja, o próprio ato de enunciação. Nesse ponto, Benveniste (2006: 231) deixa clara a inclusão da referência, explicando que “se o ‘sentido’ da frase é a idéia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso”.

2.2 O SUJEITO NA ENUNCIÇÃO E O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO

Qual seria o novo modo de descrição que pudesse dar conta das particularidades da dimensão semântica da língua? Devemos considerar que, além de trazer a referência, a dimensão semântica trata da própria língua colocada em uso por um locutor, ou seja, aí encontramos um sujeito, outra questão problemática para a linguística desde a leitura estruturalista do Curso de Linguística Geral segundo a qual o sujeito se encontraria na fala e esta não constitui objeto de estudo da linguística. Porém, para Benveniste, a dimensão semântica é uma propriedade da língua e traz consigo esse sujeito que dela se apropria para enunciar.

Assim, se para o modo semiótico o arcabouço teórico do pensamento saussuriano sobre signo serve, para o modo semântico deve-se criar um novo aparelho. Podemos pensar que esse novo aparelho se ocupa das marcas de enunciação no enunciado: marcas linguísticas de sujeito, tempo, pessoa, etc. Em *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste dá-nos uma indicação metodológica desse novo tipo de descrição.

Benveniste define a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006: 82). Nas palavras do autor, sua condição específica é “o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado” (ibid.), ato este que é tomado como objeto. O estudo desse processo pode ser abordado sob três aspectos: a) como realização vocal da língua; b) o mecanismo dessa produção, procurando entender como o sentido se forma em palavras, ou seja, a semantização da língua e c) a definição da enunciação no quadro formal da sua realização. Ao eleger esse aspecto, Benveniste (2006: 83) pretende “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”.

Para fins metodológicos, na enunciação considera-se sucessivamente: a) o próprio ato; as situações em que ele se realiza e c) os instrumentos de sua realização. Para Benveniste (2006: 83-84), “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” e “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso”. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia através de índices específicos, constituindo assim, um centro de referência interno em cada instância de discurso. Primeiramente, destacam-se os índices de pessoa (eu-tu) que se instaura somente na e pela enunciação; índices de ostensão (este, aqui) e indivíduos linguísticos (pronomes pessoais e demonstrativos) e as formas temporais, cujo paradigma completo se determina em relação a EGO, que é o centro da enunciação.

É através dessa metodologia que se pode estudar as marcas da enunciação no enunciado, as marcas do homem na língua, como indica o próprio título da quinta parte do *Problemas de Linguística Geral I e II*. Qual é o estatuto desse sujeito que se marca na língua? Normand (1996: 145) problematiza: “seu problema era, explicitamente, a significação; mas ele encontrava, necessariamente, o sujeito que fala e dá (ou pensa dar) sentido. Como lhe dar lugar com todo rigor”? Em 1969, Benveniste elimina-o do modo semiótico para introduzi-lo no semântico, mas esse sujeito era ainda uma mistura vaga de sujeito gramatical, psicológico, filosófico. Já no texto final de 1970 sobre a enunciação, os indivíduos linguísticos só podem ser encontrados nas duas dimensões. Normand (1996: 147) conclui: “a teoria da enunciação implica, pois, um sujeito, mas não faz a teoria deste”. Nesse sentido, é significativa a

ausência, na obra de Benveniste, do termo “sujeito da enunciação”, ausência que marca o caráter inacabado da obra de Benveniste.

Em texto discutindo que semântica se encontra em Benveniste, Normand (2009: 168) defende que “a semântica que Benveniste anuncia é uma semântica da pessoa em relação com o mundo, desse sujeito que, prontamente chamamos de sujeito da enunciação”. A autora traz as palavras de Milner (1978: 26, apud NORMAND, 2009: 168), que afirma a demonstração sintática da obra de Benveniste “reencontra 'os efeitos de uma instância em si não formalizável e não representável: o sujeito da enunciação”.

Ou seja: na teoria de Benveniste, é na e pela língua, através da enunciação, que o homem se faz. A língua enquanto estrutura comporta marcas para que o sujeito se inscreva na sua singularidade, visto que o ato da enunciação é cada vez único e irrepetível.

3. SAUSSURE – BENVENISTE

Através desse trajeto intra-teórico pela da obra de Benveniste, ancorado nas reflexões de Claudine Normand, procuramos mostrar que é através de minuciosas e, por vezes, hesitantes elaborações que Benveniste esclarece e desenvolve alguns pontos ainda obscuros da obra de Saussure, ao mesmo tempo em que cria sua reflexão singular sobre a questão da significação. O percurso foi traçado a partir da ideia de Normand (1996: 139) de que:

longe de desfazer as oposições saussurianas, ele as complica, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi primeiro excluído, o referente e o sujeito, passo necessário se se leva a sério o fato de que numa frase alguém fala de alguma coisa para alguém.

Com base na reflexão acima, concordamos com Normand (1996) quando afirma que Benveniste continua Saussure para ultrapassá-lo. Benveniste considera a frase, na sua particularidade, o que o leva a incluir o referente e o sujeito. Benveniste mantém a definição saussuriana de língua como sistema de signos, mas se dá conta da insuficiência dessa concepção para explicar os fatos que o intrigam. A reformulação da significância da língua é vista em duas dimensões: a semiótica, que mantém a ideia de língua como sistema de signos, e a dimensão semântica, incluída para dar conta da língua em uso. Devemos ressaltar aqui que ambas as dimensões dizem respeito à língua: não se deve incorrer no erro de identificar a dimensão semântica ao domínio da fala em Saussure.

4. RETORNO A BENVENISTE

Por fim, indagamo-nos sobre quais as possibilidades de retorno à obra de Benveniste. Como Normand (1996) indicou acima a respeito da ausência do termo “sujeito da enunciação”, a obra de Benveniste é resultado de reflexões elaboradas ao longo de um período de tempo que começa com os textos de 1956 e tem um fim abrupto em 1970, restando uma obra inacabada. Mas, percorrendo os textos, é possível encontrar momentos nos quais Benveniste indica-nos pontos da teoria que podem ser estudados. Destacamos abaixo alguns deles, sem a pretensão de esgotá-los.

Em *A semiologia da língua* (1969), ao mesmo tempo em que Benveniste propõe os modos semiótico e semântico, desenvolvidos em alguns textos, o autor (2006: 67) também indica que um dos pontos de ultrapassagem da teoria saussuriana dar-se-ia através de uma “análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação”. Juntamente com a análise intralinguística, desdobrada nos modos semiótico e semântico, “esta será uma semiologia de ‘segunda geração’, cujos instrumentos e o método poderão concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral”. Sobre esse ponto, é interessante trazer a contribuição de Normand (2009: 160):

ele compartilha com seus contemporâneos semioticistas a ambição de descrever a globalidade do mundo social em termos de sistemas de signos, autorizando-se assim da "ciência" linguística para um projeto filosófico.

Outro ponto que está sendo elaborado é a questão do sujeito, pois, como visto antes, Benveniste não se preocupou em teorizar sobre seu estatuto em sua obra. Tais pesquisas podem ser creditadas, como afirma Flores (2007), ao fato de que frequentemente se atribui a Benveniste a inclusão do sujeito nos estudos da linguagem, o que parece ser uma afirmação neutra diante de outras que o acusam de formulações sobre um sujeito dono de si e origem do sentido. O desenvolvimento dessas pesquisas pode ajudar a esclarecer o pensamento benvenistiano ao mesmo tempo em que se propõe algo que não se encontra na teoria da enunciação como concebida por seu criador, mas cujas reflexões ao longo da sua obra permitem inferir. Trabalhos recentes de Flores teorizam sobre o estatuto do sujeito na teoria da enunciação, afirmando que “o sujeito, independentemente da configuração que tenha, transcende os quadros da linguística; para estudá-lo é necessário convocar exteriores teóricos à linguística” (2007).

A obra de Benveniste pode ser caracterizada, nos termos de Normand (1996: 131), como uma “síntese felizmente infeliz”, pois talvez seja justamente sua incompletude que permite encontrar nela possibilidades de se pensar a língua, a enunciação e o sujeito que nelas se encontra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
2. BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
3. BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
4. FLORES, V. N. Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? Exterioridade e interioridade teórica no campo da linguística da enunciação. Pelotas: UCPel, 2007 (no prelo).
5. FLORES, V. N. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
6. GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF, 1987.
7. NORMAND, C. Émile Benveniste: qual semântica? In: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
8. NORMAND C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (orgs.) *O Falar da Linguagem* (Série linguagem). São Paulo: Lovise, 1996. p 127-152.
9. NORMAND, C. Saussure-Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia. (Org.). *Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos.*, Santa Maria/RS: PPGL Editores, 2007, v. 33, p. 161-182.
10. SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos fazer uma reflexão epistemológica sobre a relação entre dois dos maiores expoentes da linguística moderna, a saber, Ferdinand de Saussure, considerado seu criador, e Émile Benveniste, um dos seus discípulos. Essa reflexão servirá de base para tentarmos responder à seguinte pergunta: Benveniste rompe com o paradigma iniciado por Saussure ou apenas ultrapassa-o em alguns pontos da teoria, conservando-o em outros? Partimos da idéia que Benveniste retorna a Saussure em uma tentativa de elaborar questões surgidas a partir de sua leitura da obra de Saussure (referimo-nos aqui ao Curso de Linguística Geral). Para tanto, iniciaremos por uma reflexão sobre a constituição da linguística como ciência. Como afirma Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a linguística se nomeia como Um”. Em um segundo momento, faremos uma exposição de alguns aspectos da obra de Benveniste que julgamos pertinentes para a reflexão, em especial a questão da significação, pois é na oposição semiótico/semântico que podemos encontrar um momento de ultrapassagem do pensamento de

Benveniste em relação a Saussure. Nas palavras de Benveniste (2006, p. 67), “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único”. Como síntese, discutiremos possíveis interpretações da relação entre os autores em questão, com base em Normand (2009, 1996) e, por fim, mostraremos quais são as possibilidades de retorno à obra de Benveniste sobre as quais se detém as pesquisas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Benveniste; epistemologia da linguística.

ABSTRACT: In this article, we propose an epistemological reflexion on the relation between two of the greatest men in the field of modern linguistics: Ferdinand de Saussure, considered its creator and Émile Benveniste, one of his disciples. This reflexion helps us to answer the following question: does Benveniste break the paradigm initiated by Saussure or does he only advance his theory in some points, while conserving others? We believe that Benveniste returns to Saussure in order to develop points arising from his lecture of Saussure’s work (we refer here specifically to the Cours de Linguistique Générale). In order to do so, we begin with a discussion about the establishment of linguistics as a science. As affirmed by Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a linguística se nomeia como Um”. Secondly, we will explain some aspects of Benveniste’s work considered by us as relevant to our reflexion, specially in what comes to signification, for it is in the opposition between semiotic/semantic that we may find a moment where Benveniste advances Saussure’s theory. According to Benveniste (2006, p.67), “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único”. As a conclusion, we will discuss possible interpretations of the relation between the two authors, based on Normand (2009, 1996) and lastly we will try to show the possibilities of a return to Benveniste’s work on which current research is based.

KEYWORDS: Saussure; Benveniste; epistemology of linguistics.

RESUMEN: En este trabajo, pretendemos hacer una reflexión epistemológica sobre la relación entre dos de los mayores exponentes de la lingüística moderna, a saber, Ferdinand de Saussure –considerado su creador– y Émile Benveniste –uno de sus discípulos. Esta reflexión servirá de base para que intentemos responder a la siguiente pregunta: ¿Benveniste rompe con el paradigma iniciado por Saussure o apenas lo sobrepasa en algunos puntos de la teoría, conservándolo en otros? Partimos de la idea de que Benveniste retorna a Saussure en una tentativa de elaborar cuestiones surgidas a partir de su lectura de la obra de este último (nos referimos aquí al Curso de lingüística general). Para ello, comenzaremos con una reflexión sobre la constitución de la lingüística como ciencia. Como afirma Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a lingüística se nomeia como Um”. En un segundo momento, haremos una exposición de algunos aspectos de la obra de Benveniste que juzgamos pertinentes para la reflexión, en especial la cuestión de la significación, pues es en la oposición de lo semiótico/semántico que podemos encontrar un momento en el que el pensamiento de Benveniste sobrepasa al de Saussure. En las palabras de Benveniste (2006, p. 67), “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único. Como síntesis, discutiremos posibles interpretaciones de la relación entre los autores en cuestión, con base en Normand (1996a, 1996b) y, por fin, mostraremos cuáles son las posibilidades de regreso a la obra de Benveniste sobre las cuales se detienen las investigaciones actuales.

PALABRAS CLAVE: Saussure; Benveniste; epistemología de la lingüística.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 23 de fevereiro de 2010.